

Prezada Ir. Eline,

Espero que esta carta lhe encontre bem. Sei que este assunto (eu) parece estar se arrastando mais do que o devido, mas não consigo deixar de me inquietar com o que ocorreu.

Quando, no dia 26 de dezembro, a coordenadora Rosana me ligou informando sobre meu aceite para ocupar a vaga de professor de geografia no colégio Cristo Rei, quando então dei início a uma série de atividades, tanto do ponto de vista espiritual (ansiedade, otimismo, projeções), quanto profissional (conversas com amigos e parentes professores, busca por conteúdo, estudos) e pessoal (financeiro e agenda, pois divido aluguel e contas de um apartamento com minha namorada).

Assim, passaram-se duas semanas até que, no dia 10 de janeiro pela manhã, entreguei à secretaria de pós-graduação do Departamento de Geografia da USP minha carta de demissão e fui ao colégio acertar os últimos ponteiros com a Rosana e com o RH. Nesta conversa, porém, ela finalmente se deu conta de que eu ainda não estava formado, mesmo que essa informação constasse em meu currículo e eu já houvesse explicitado isso no dia em que fui à escola realizar a prova/entrevista escrita. Por tal motivo (a falta de um diploma de licenciatura), eu não poderia ser contratado, uma vez que a supervisora de ensino havia notificado o colégio, por escrito, para que não houvesse mais contratações de caráter precário (temporário), alegando “sobra de profissionais titulados” e que apenas você, no papel de diretora, poderia tomar a decisão de me contratar, a despeito da notificação existente, mas apenas após seu retorno das férias, o que claramente não aconteceu (a contratação).

Duas ou três coisas me inquietam. Primeiro no que diz respeito à alegação da supervisora de ensino sobre esse “contingente excedente” de professores geógrafos. Sabemos que isso não é verdade, tanto do ponto de vista da percepção de outros professores, que alegam ser a geografia a disciplina com maior demanda profissional, quanto da experiência do colégio neste processo seletivo, uma vez que apenas duas pessoas se apresentaram, sendo que uma delas já acumulava trabalho em dois outros colégios. Inúmeros colegas meus de faculdade, inclusive, trabalham nessa condição “precária”.

Além disso, me surpreende o próprio Estado cuidar para que não haja esse tipo de contratação em colégios privados, quando é o próprio o primeiro a fazê-lo, tanto para a categoria O, quanto para os próprios professores efetivos, que além da carga regular, possam agora se candidatar ao regime temporário, acumulando até 65hs semanais, o que representa um total contra-senso ao argumento de “sobra profissional”.

Ademais, essa contratação temporária se daria por apenas um semestre, basta ver meu histórico da universidade, que ficou com a Rosana, onde consta restar apenas uma disciplina de licenciatura e meu trabalho final, sendo este último com prazo de conclusão em março e a disciplina até o final de junho.

Por fim, quero ressaltar meu entristecimento e perplexidade quanto ao conjunto do ocorrido. Entre o telefonema da Rosana confirmando minha contratação e a negativa final, passaram-se 25 dias, período em que permaneci inerte quanto à busca de outra possibilidade de trabalho, informando a todos meus conhecidos que eu já estava com uma ocupação e não precisaria mais de indicações neste momento. Saber que eu iria trabalhar aí fez, inclusive, com que eu não me preocupasse com o fato de que a ausência da licenciatura não me deixaria fora do ensino, já que eu não poderia assumir o cargo de professor no Estado, para o qual obtive aprovação em concurso, permanecendo classificado em 14º lugar.

Entendo que a Sra., Eline, esteja buscando pessoas comprometidas com o ensino. Quanto a isso, já fiz questão de ressaltar minha total disposição e desejo de ensinar. O que não entendo é como um despautério desses, perpetrado pela supervisora de ensino, pode ser levado em conta dada a realidade educacional do país e a inexistência de qualquer amparo legal para a notificação.

Espero que entenda essa carta como um escape ao sentimento de frustração com que tenho lidado, assim como uma honesta insistência por parte de alguém já comprometido de antemão.

Espero que, de alguma forma, leve em consideração estas linhas.

Um forte abraço,

Tom Adamenas e Pires